

MANDIOCA: safra 1996/97

José Roberto da Silva¹

A produção brasileira de mandioca na safra 1995/96, de acordo com dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) acusou decréscimo de 2,0% relativamente à safra anterior, situando-se em 24,8 milhões de toneladas. Contudo, no conjunto dos principais estados localizados na Região Centro-Sul, onde a produção de raiz é predominantemente comercial, o decréscimo foi de 15%, influenciando fortemente a recuperação dos preços recebidos pelos produtores, após dois anos consecutivos de preços baixos. O preço médio recebido pelo produtor paulista em 1996, considerando os meses de janeiro a setembro, foi de R\$48,23 por tonelada, acusando um aumento de 42% sobre o preço médio do mesmo período do ano anterior, mas ainda 9% abaixo do observado no mesmo período de 1993 (Tabelas 1 e 2).

TABELA 1 - Produção de Mandioca, Brasil e Regiões Seleccionadas, 1992 a 1996 (milhão de toneladas)

Estado e região	1992	1993	1994	1995	1996
Minas Gerais	0,9	1,1	1,0	1,0	0,9
São Paulo	0,7	0,6	0,8	0,8	0,6
Paraná	2,2	3,0	3,4	3,1	2,6
Santa Catarina	1,0	1,0	0,9	0,8	0,8
Mato Grosso do Sul	0,3	0,4	0,6	0,5	0,4
Norte	4,0	4,9	5,5	5,4	5,1
Nordeste	10,6	8,1	9,2	10,9	11,6
Brasil	21,8	21,9	24,4	25,3	24,8

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No mercado atacadista de São Paulo, os preços apresentaram a mesma tendência que os da raiz, aumentando 31%, mas no varejo, acusaram redução de 4,0% (Tabelas 3 e 4). Essa situação pode ser explicada pela redução da importância relativa do segmento atacadista,

TABELA 2 - Preços Médios Reais de Mandioca, Recebidos pelos Produtores, Estado de São Paulo, 1993-96 (R\$/t)¹

Mês	1993	1994	1995	1996
Jan.	78,29	51,12	37,89	36,04
Fev.	77,38	34,38	38,32	40,73
Mar.	64,00	32,95	35,61	41,53
Abr.	57,01	31,44	35,68	42,00
Mai	48,29	32,82	34,67	49,09
Jun.	46,44	30,17	34,63	52,75
Jul.	40,01	37,93	29,57	55,06
Ago.	41,33	38,21	29,12	56,85
Set.	44,22	38,67	29,58	60,00
Out.	48,75	38,96	30,84	...
Nov.	44,96	39,35	31,57	...
Dez.	48,58	38,35	31,37	...
Média	53,27	37,03	33,24	48,23

¹Em R\$ de setembro de 1996.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

uma vez que se verifica um crescimento acentuado da participação das vendas por supermercado os quais negociam diretamente com os fabricantes, permitindo redução dos preços no mercado varejista.

Assim, verifica-se em São Paulo que, apesar do reduzido nível da atividade das fariñeiras no decorrer de 1996, os preços da raiz mantiveram-se em ascensão, situação decorrente de escassez de matéria-prima, pressionados ainda pela indústria de fécula, cujo mercado está relativamente mais estável e potencialmente melhor. O preço médio da fécula no mercado atacadista, no período de janeiro a setembro foi 17% superior ao verificado no ano anterior (Tabela 5). A fécula modificada é demandada por segmentos importantes, como a indústria de papel e a têxtil. Na indústria de cola vegetal também vem aumentando o consumo de amido modificado.

De acordo com empresários do setor de fécula, o preço do amido modificado, conforme, o tipo chega a ser o triplo do da fécula natural. O consumo de fécula pela indústria de

¹Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 3 - Preços Médios de Farinha Crua Grossa, no Mercado Atacadista da Cidade de São Paulo, 1993-96 (R\$/sc.40kg)¹

Mês	1993	1994	1995	1996
Jan.	29,20	22,13	15,88	14,83
Fev.	23,90	16,45	15,16	14,72
Mar.	20,79	12,91	13,20	15,58
Abr.	19,81	13,98	11,93	15,63
Mai	16,58	12,95	11,90	15,41
Jun.	13,59	11,69	11,81	17,21
Jul.	14,61	15,54	11,06	17,02
Ago.	19,21	14,33	10,99	17,82
Set.	18,52	14,73	9,67	17,55
Out.	18,44	15,87	13,24	...
Nov.	17,56	16,16	14,21	...
Dez.	19,05	16,09	14,83	...
Média	19,27	15,24	12,82	16,20

¹Em R\$ de setembro de 1996.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 4 - Preços Médios de Farinha de Mandioca, no Mercado Varejista da Cidade São Paulo, 1993-96 (R\$/pc.500g)¹

Mês	1993	1994	1995	1996
Jan.	0,76	0,56	0,55	0,49
Fev.	0,72	0,56	0,54	0,47
Mar.	0,75	0,58	0,52	0,48
Abr.	0,71	0,59	0,53	0,49
Mai	0,66	0,63	0,52	0,49
Jun.	0,63	0,62	0,52	0,50
Jul.	0,58	0,63	0,50	0,51
Ago.	0,54	0,58	0,50	0,52
Set.	0,54	0,56	0,49	0,53
Out.	0,54	0,54	0,52	...
Nov.	0,51	0,54	0,49	...
Dez.	0,55	0,54	0,49	...
Média	0,63	0,58	0,51	0,50

¹Em R\$ de setembro de 1996.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

embalagens vem crescendo. A indústria de construção civil também está demandando fécula para fabricação de tubetes (formas para concreto), e tem aumentado, também, a utilização de fécula em mistura com polvilho azedo para confecção de pão de queijo.

TABELA 5 - Preços Médios de Fécula de Mandioca, no Mercado Atacadista da Cidade de São Paulo, 1993-96 (R\$/sc.25kg)¹

Mês	1993	1994	1995	1996
Jan.	19,40	16,34	14,04	12,71
Fev.	18,54	14,16	14,42	12,62
Mar.	20,08	18,09	12,29	12,59
Abr.	16,74	16,57	12,16	12,50
Mai	16,54	14,05	11,19	12,95
Jun.	13,90	14,48	12,22	14,17
Jul.	14,38	17,24	12,44	14,02
Ago.	14,07	13,50	11,95	18,02
Set.	16,41	14,04	9,67	18,55
Out.	15,16	14,20	12,05	...
Nov.	15,79	14,32	12,28	...
Dez.	12,95	14,24	12,81	...
Média	16,16	15,10	12,29	14,24

¹Em R\$ de setembro de 1996.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

O elevado nível de ociosidade das indústrias de farinha decorre, além da escassez de matéria-prima, de os preços da farinha não acompanharem os da raiz. O fluxo de farinha para a Região Nordeste está bastante reduzido, em função da recuperação da produção local, restringindo-se basicamente a compras de farinhas especiais, como a do tipo baiana e amarela. Além disso, há um nível razoável de produto em estoque que está sendo leiloado regularmente pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Os principais participantes dos leilões são empacotadores que colocam o produto em regiões pré-determinadas pela CONAB, principalmente para a composição de cestas básicas. Soma-se a isso o fato de que o consumo *per capita* de farinha estaria se reduzindo em função de sua substituição por outros produtos, como macarrão, ovos, frango, arroz, entre outros, situação propiciada pela estabilização dos preços a partir do Plano Real e pela política de abertura econômica.

As dificuldades do segmento industrial, decorrentes de dívidas contraídas antes do Plano Real, e o fato de o preço médio da farinha ter continuado a se reduzir em 1995, tanto no mercado atacadista como no varejo, respectivamente, em 15% e 12%, colaboraram para que muitas indústrias suspendessem as atividades.

Nessa conjuntura, embora o Plano de

Safra 1996/97 não tenha propiciado nenhum estímulo especial para a cultura da mandioca, mantendo inclusive o preço mínimo de R\$24,60 por tonelada, as perspectivas são de expansão da área cultivada, basicamente em decorrência do aumento dos preços da raiz verificado em 1996. Além disso, uma importante indústria de fécula e amido modificado, preocupada com a escassez de matéria-prima, vem fazendo um trabalho de fomento ao plantio no Vale do Paranapanema, a principal região produtora. O trabalho consiste em fornecimento de manivas para plantio, assistência técnica e um compromisso de compra a um preço mínimo de R\$40,00 por tonelada, o que, segundo informações da indústria em questão, tem sido muito bem recebido pelos agricultores, melhorando as condições de acesso dos mesmos aos financiamentos de custeio. Esse preço, embora abaixo dos atuais R\$60,00 que é o preço de mercado, ainda é superior ao custo operacional total de produção estimado em julho pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) em R\$31,57 por tonelada (Tabela 6). Assim, em São Paulo espera-se incremento de cerca de 20% na área cultivada.

Na principal região produtora do Esta-

do do Paraná, de acordo com técnicos do escritório regional do Departamento de Economia Rural de Paranaíba, a área cultivada deverá aumentar em cerca de 50% no ano agrícola 1996/97.

Se confirmados esses níveis de expansão de área, certamente os preços da raiz deverão se reduzir por ocasião da safra 1996/97, a se iniciar a partir de março. De acordo com observadores do mercado, os preços médios da raiz recebidos pelos produtores poderão cair dos atuais R\$60,00/t para cerca de R\$40,00/t. Não há nada que indique mudanças significativas no mercado de farinha. Na Região Nordeste, as perspectivas são de manutenção dos atuais níveis de produção, portanto não deverá haver compras de farinha da Região Centro-Sul. Os preços dos produtos concorrentes continuam relativamente baixos. Há 74 mil toneladas de farinha em estoque referente a Aquisições do Governo Federal (AGF), cujo destino deverá ser o Programa de Desenvolvimento Alimentar (PRODEA) da Comunidade Solidária, além de 80 mil toneladas de farinha de diversas safras, sob contrato de Empréstimos do Governo Federal (EGF).

TABELA 6 - Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Mandioca, Colheita Manual, Tração Motomecanizada, por Hectare, Produção de 20t, Vale do Paranapanema, Estado de São Paulo, Safra 1996/97

Item	R\$		US\$ ¹		Participação percentual
	Por hectare	Por tonelada	Por hectare	Por tonelada	
Mão-de-obra	79,90	4,00	78,87	3,94	12,66
Aubos e corretivos	13,64	0,68	13,46	0,67	2,16
Defensivos	4,50	0,23	4,44	0,22	0,71
Operação de máquinas	84,78	4,24	83,68	4,18	13,43
Empreita	300,00	15,00	296,12	14,81	47,52
Custo operacional efetivo	482,82	24,14	476,58	23,83	76,47
Depreciação de máquinas	35,42	1,77	34,96	1,75	5,61
Encargos sociais diretos ²	26,37	1,32	26,03	1,30	4,18
CESSR ³	17,60	0,88	17,37	0,87	2,79
Seguro ⁴	36,31	1,82	35,84	1,79	5,75
Encargos financeiros ⁵	23,18	1,16	22,88	1,14	3,67
Outras despesas	9,66	0,48	9,54	0,48	1,53
Custo operacional total	631,36	31,57	623,20	31,16	100,00

¹Cotação média do dólar comercial de agosto de 1996 (US\$1,00=R\$1,0131).

²Refere-se à mão-de-obra comum e tratorista (33,00%).

³Refere-se à contribuição de seguridade social de 2,2% sobre a renda bruta.

⁴Refere-se a 9,4% sobre 80% do COE.

⁵Taxa de juros de 12% a.a.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.